

CONFERÊNCIA

O RENASCIMENTO FRANCÊS (*).

ALBERT AUDUBERT

Professor de Língua e Literatura Francesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Não gostaríamos de começar esta palestra com uma heresia talvez em relação à História, mas, em literatura pode-se dizer que as gerações, como as pessoas, têm muitas vezes consciência de sua idade. Na época romântica, por exemplo, muitos grandes poetas sentem-se velhos ou cansados — é o famoso *mal du siècle* (mal do século).

“Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux” (Musset)
(Cheguei muito tarde a um mundo muito velho).

“J’ai plus de souvenirs que si j’avais mille ans” (Baudelaire)
(Tenho mais lembranças do que se tivesse mil anos).

Mais próximos de nós ainda, no fim do século XIX, um grupo de escritores se intitula irônicamente “os decadentes”, mostrando claramente que tinham consciência de pertencer a um fim de século *un fin de siècle*. Um pouco mais tarde ainda, a geração da *belle époque* tenta afogar seu tédio nas valsas de Strauss.

Por outro lado, outras épocas orgulham-se de sua maturidade; é o caso do século de Péricles na Grécia e, na França, o exemplo mais flagrante é o período clássico, a geração de 1660, no auge do reinado de Luís XIV, durante o qual florescem, com equilíbrio e harmonia, as artes e a literatura.

Existem enfim outras épocas que se julgam jovens e que o proclamam com altivez e mesmo ousadia.

Não será o caso da geração atual? No mundo inteiro há uma explosão de juventude, um rompimento total com o passado e os valores de outrora. Esta juventude que está assistindo ao nascimento de uma era nova para a humanidade que poderia ser chamada de

(*) — Conferência realizada no dia 28 de maio de 1969 na Sociedade de Estudos Históricos. Este trabalho foi lido pelo Prof. Italo Caroni no impedimento do Prof. Albert Audubert (*Nota da Redação*).

era nuclear ou espacial — e que sente perfeitamente que, apesar das resistências, acabará por impor sua nova visão do mundo. E' o que acontece, em todo o caso, na literatura de hoje.

Mas, voltaremos, antes de terminar, a falar da época contemporânea, tentando mostrar o paralelismo entre ela e o Renascimento. De qualquer modo, parece que não podemos negar que o Renascimento constitui uma dessas gerações brilhantes, cheias de juventude e saúde, que se caracterizam pelo fervor e entusiasmo por novas descobertas.

Mas devemos ter o cuidado de não ser muito radicais quando nos referimos ao aparecimento dessas formas novas. Como já sabemos, não houve ruptura, separação nítida em relação ao período precedente e a denominação de "grande noite tenebrosa" aplicada à Idade Média é uma grande injustiça. De fato, poder-se-ia mostrar facilmente que muitos traços tidos como característicos do século XVI já existiam nos séculos anteriores, especialmente essa pretensa descoberta ou redescoberta da Antigüidade.

O que favoreceu a difusão desta idéia de rompimento e separação foi que o Renascimento se caracteriza por uma série de grandes descobertas e invenções que dão a impressão de uma explosão, de um grande "salto para a frente", para retomar uma expressão recentemente empregada na China.

A mais importante de tôdas é, sem dúvida alguma, a invenção da imprensa. E' uma invenção divina, a décima musa, como dizia du Bellay que vem compensar a invenção diabólica da artilharia.

E' por isso que em tôdas as tentativas de classificação dos diferentes momentos do Renascimento, todos estão de acôrdo em denominar o primeiro período a "Geração da Imprensa".

Aproveitamos, agora, para mostrar aos senhores como podemos dividir, na França, o século XVI. E' a divisão proposta pelo professor Verdun-Saulnier em seu pequeno volume sobre *La littérature de la Renaissance* e retomada por todos os historiadores da literatura.

Trataremos hoje apenas dos dois primeiros períodos, no fim dos quais já se acha perfeitamente definido o espírito do Renascimento.

Em primeiro lugar, as grandes descobertas — limitando-nos à França, na medida do possível — acompanhadas de uma violenta explosão do espírito crítico que afeta também a Igreja.

Em segundo lugar, iremos examinar o papel desempenhado pelo grande rei Francisco I nas letras, nas artes, no fortalecimento da língua francesa e, também, em grande parte devida a êle, a influência da Itália.

SÉCULO XVI — FRANÇA.

Divisão proposta pelo Prof. Verdun-Saulnier.

| | | |
|---|--|--|
| 1). — Geração da imprensa 1500. | <i>Carlos VIII</i> : 1483-1498 das expedições italianas — 1515 <i>Luis XII</i> : 1498-1515. | } V A L O I S |
| 2). — Geração de Francisco I 1523. — Marot et Rabelais. | <i>Francisco I</i> : 1515-1547. | |
| 3). — Geração das obras-primas. — a <i>Pléiade</i> , Ronsard e Mon- taigne. | <i>Henrique II</i> : 1547-1559. <i>Francisco II</i> : 1559-1560. <i>Carlos IX</i> : 1560-1574. | |
| 4). — Geração das guerras de re- ligião. — édito de Nantes, 1598 (re- vogação do mesmo: 1685). | <i>Henrique III</i> : 1574-1589. <i>Henrique IV</i> : 1589-1610. | } B O U R B O N S |

Gostaríamos, depois, através de um grande autor símbolo dêsse tempo, Rabelais, de estudar que tipo de homem o Renascimento pretendeu formar.

Enfim, para terminar, achamos interessante indicar algumas afinidades que existem entre o mundo de hoje e o do século XVI.

A invenção da imprensa, dizíamos, foi o fato capital dêsse início de século. De fato, a imprensa iria possibilitar a larga difusão dos textos famosos da Antigüidade, tanto profanos como sagrados, e podemos imaginar facilmente a revolução trazida por êsse nôvo meio de difusão. Em vez de algumas centenas de manuscritos, como na Idade Média, são milhares de exemplares que circulam. A tradução é elevada à dignidade de um gênero literário. E' a época dos grandes filólogos e humanistas: Guillaume Budé, Dorat, Dolet, os Estienne (Robert e Henri) e seus famosos trabalhos de lexicografia. Haveria naturalmente resistências contra êsse espírito nôvo. A Faculdade de Teologia de Paris, a já velha Sorbonne, opõe-se de modo categórico aos estudos do grego e do hebraico e os senhores sabem que é diante destas resistências que o grande rei Francisco I, a conselho de Guillaume Budé, criou em 1530 o Colégio dos Leitores Reais (*Collège des Lecteurs Royaux*) que se tornou depois o prestigioso *Collège de France*. Aí podiam ser ensinados o latim, o grego e o hebraico. Tudo

o que se refere, então, à Antigüidade era editado com muito cuidado, estudado com entusiasmo. Lembramos, para os senhores a famosa exclamação de Erasmo:

“Quando leio tais feitos relacionados com êstes homens, devo conter-me para não exclamar: *Sancte Socrate, ora pro nobis*”.

Mas permitam-nos dizer logo que no século XVI — e nisto êle se parece ainda muito com o século atual — a ciência não se confina dentro de fronteiras, pois ela é um bem comum a tôda a humanidade. Daremos logo adiante outros exemplos.

Antes de percorrer essas outras invenções e descobertas, observemos que há uma espécie de contradição entre êsse gôsto imoderado pela Antigüidade, isto é, uma volta ao passado, e, ao mesmo tempo, uma ânsia irrefreável por tudo que é nôvo e voltado para o futuro.

A êste propósito, poderíamos dizer, que é justamente a imprensa a invenção que melhor se identifica com o espírito da época, a invenção que melhor simboliza o século XVI. De fato, trata-se, por um lado, de uma invenção prodigiosa — e quando se diz invenção, queremos dizer, qualquer coisa até então inédita, nova, voltada para o futuro, para o progresso — mas, por outro lado, qual foi a aplicação primeira da imprensa, qual foi o seu principal objeto? Foi de reencontrar, reconstituir êsse mundo quase perdido da Antigüidade do qual acabamos de falar.

E' uma invenção, certamente, mas que vai permitir-nos valorizar melhor, prospectar com maior profundidade o mundo e os tempos antigos. A imprensa é, pois, uma novidade mas servindo, antes de tudo, ao passado. Isso é muito importante para a França, em particular, porque êsse espírito de curiosidade, esta sêde de saber, não se aplicam indiferentemente a qualquer objeto, mas são estimulados quando em contato com os Antigos dos quais se esperava uma espécie de revelação. E' o que explica o fato de a França não se ter impressionado muito, no início pelo menos, com os grandes descobrimentos que faziam os navegadores portugueses e espanhóis nessa época. De fato, os franceses estavam muito absorvidos pelo estudo dos Antigos — havia, é certo, outras razões: Francisco I tinha os olhos voltados para a Itália quando não estava em guerra com Carlos V. E, além do mais, os espanhóis e os portugueses exerciam um verdadeiro monopólio no mar em consequência das “Bulas de Demarcação” do Papa Alexandre VI. Apenas alguns mercadores franceses tinham-se arriscado por conta própria até às costas brasileiras. Sòmente depois de 1534 e das três viagens de Jacques Cartier ao Canadá, os franceses começam a empreender viagens marítimas, mas ainda muito tímidamente. No que diz respeito ao Brasil,

todos conhecem a expedição de Villegaignon em 1555. Mais ou menos na mesma época, chegaram à França os primeiros índios brasileiros para uma festa realizada em Ruão. Os senhores conhecem as reflexões de Montaigne sobre os “bons selvagens”. Isso foge talvez um pouco ao nosso assunto mas achamos interessante ler as impressões desses antigos brasileiros sobre o que eles viram na França de então:

Montaigne — I, XXXI — “*Des cannibales*”.

“Três dêles, ignorando quanto custará um dia a seu repouso e felicidade o conhecimento da corrupção de nossos países e que dêse contacto nascerá a ruína dêles — suponho que já esteja bem adiantada — dignos de pena por se terem deixado enganar pelo desejo da novidade, por terem abandonado a doçura de seu céu para virem ver o nosso, três dêles — dizia — foram até Ruão, no tempo em que o finado rei Carlos IX lá estava.

O rei falou com êles durante muito tempo; fizeram-lhes ver nossos hábitos, nosso luxo, a forma de uma bela cidade. Depois disso, alguém pediu a opinião dêles e quis saber o que tinham achado de mais extraordinário; êles responderam três coisas das quais me esqueci a terceira, e estou bem triste com isso, mas lembro-me ainda de duas.

Disseram que achavam, em primeiro lugar, muito estranho que tantos homens grandes, com barba, fortes e armados, que rodeavam o rei (falavam provavelmente dos Suiços da Guarda) se submetessem a uma criança — o rei tinha então doze anos — e que não se escolhesse antes um dêles para governar; em segundo lugar (êles têm um modo em sua língua de chamar os homens de “metade” uns dos outros), em segundo lugar — dizia — que tinham notado que havia entre nós homens rodeados de tôdas as comodidades enquanto que suas “metades” (quer dizer, os outros) mendigavam em suas portas, enfraquecidos pela fome e pela pobreza; e achavam estranho que essas “metades” necessitadas pudessem tolerar uma tal injustiça, que não tentassem estrangulá-los (os outros) ou não incendiassem suas casas”.

Esta paixão dos franceses pela Antigüidade explica também que tenham tido alguma dificuldade em conciliar esta curiosidade com a observação científica, tão importante no século XVI. Não é de se admirar que o progresso obtido com a observação e a experimentação se deva sobretudo a pessoas que desconheciam o latim e o grego. O conhecimento de Hipócrates, Galeno e Aristóteles pelo médico Rabelais e os comentários escrupulosos que êle fazia de seus textos na Universidade de Montpellier não facilitaram, no início, a renovação da medicina. Aliás, não é próprio a medicina, mas um ramo nôvo desta ciência que ia nascer e desenvolver-se então, proveniente diretamente da experimentação, queremos dizer, a cirurgia. A dissecação de cadáveres vai permitir um conhecimento mais

exato da anatomia humana. Ambroise Paré, o primeiro grande cirurgião moderno, não tem dúvida em proclamar a prioridade que deve ser dada à experiência e à observação direta sobre os ensinamentos dos Antigos. Paré afirma:

“Os Antigos devem ser usados como guaritas, postos de observação, de onde se poderia enxergar mais longe”.

“Aquêle que leu muito e por isso pensa ser um bom cirurgião, sem ter assistido às operações e aulas do mestre, engana-se redondamente e não passa de um petulante”.

Os conhecimentos de Paré sobre a Obstetrícia provêm, diz êle,

“do que êle tinha aprendido através de leituras dos Antigos e também de observações diretas feitas durante as dissecações feitas em cadáveres de gestantes”.

Notemos, desde já, de passagem, que Paré provocou uma ceulema entre seus colegas ao expor sistematicamente os resultados de suas pesquisas em francês e não mais em latim. Será preciso esperar o século XIX para ver ressurgir a primazia da medicina experimental por influência de Claude Bernard e de sua famosa *Introdução à medicina experimental*.

Bernard Palissy, de família muito pobre, sem instrução, interessa-se por tudo que vê a seu redor — metais, agricultura, fósseis, e passa horas inteiras a estudar, a descobrir segredos do esmalte, alguns dos quais já eram do conhecimento dos italianos. Como Paré, êle também dá primazia total à experiência.

Os séculos XVIII e XIX saudaram em Palissy o iniciador da geologia moderna. Eis o que êle escrevia em 1580:

“Posso provar em muitas passagens que a teoria de muitos filósofos é falsa, mesmo os mais famosos e antigos, como vocês poderão ver e ouvir em menos de duas horas se se dispuserem a vir ao meu gabinete de trabalho... posso assegurar-lhe, leitor, que em poucas horas ... você aprenderá muito mais filosofia natural sobre coisas contidas neste livro do que poderia aprender em 50 anos, lendo as teorias e opiniões dos filósofos antigos”.

(Henri Hauser — *La modernité du XVIIe siècle*, pág. 20).

Limitamo-nos aqui às principais descobertas dos sábios franceses mas, em todos os séculos, a ciência foi internacional e, como já dissemos, sabemos que o Renascimento, inicialmente um fenômeno italiano, não tardou a transportar-se para os países vizinhos. Citamos já a artilharia; a bomba também é uma invenção dessa época; haveria ainda o aperfeiçoamento da álgebra com Cardan na Itália e Viète na França, a fundação da mineralogia por um sábio de Saxe, Jorge Agrícola e, sobretudo, a modificação radical da idéia que se tinha

sôbre o centro do mundo por Copérnico. Mas conhecemos as dificuldades que tiveram essas idéias de Copérnico em serem aceitas.

Um ponto importante para a França e comum a todos os países atingidos pelo Renascimento é, pois, o gôsto pela ciência e o sentimento profundo de que o Renascimento deve redescobrir e inventar tudo. Voltaremos mais adiante a êste ponto com Rabelais e a célebre carta de Gargantua a Pantagruel:

“Agora, tôdas as disciplinas renascem. O mundo todo está cheio de sábios”.

Um segundo ponto no que se refere à atividade intelectual do Renascimento é a eclosão de um espírito crítico muito aguçado. Vimos que, na primeira fase do Renascimento, a imprensa tinha servido sobretudo para ressuscitar a Antigüidade. Mas esta volta à Antigüidade foi motivada pelo desêjo de reencontrar não sômente os textos mas também a sua pureza original, deixando de lado as glosas e os comentários medievais. Daí, a importância de se restabelecer a autenticidade dos textos, fazendo a crítica dos mesmos e traduzindo-os sem parafraseá-los.

Esta volta aos originais ia acarretar graves conflitos quando se applicasse aos textos sagrados o mesmo sentido crítico que aos profanos, quando a crença ingênua e confiante tivesse que ceder diante do texto claro e puro. Até então a Igreja preferia propor interpretações da Bíblia e dos Evangelhos do que encorajar a leitura dêsses textos, mesmo porque — como vimos — os textos eram muito raros.

Mas é natural que os sábios humanistas quisessem aplicar seu método também aos textos sagrados. E' a intenção do grande humanista e erudito Erasmo para quem as duas fontes da sabedoria são a literatura da Antigüidade e a Bíblia. Êste holandês que morreu na Suíça depois de ter vivido muito tempo na França é o símbolo perfeito dêste espírito sem fronteiras ao qual acabamos de nos referir. Surgiu, pois, inevitavelmente, um conflito entre a Faculdade de Teologia, a Sorbonne, e o primeiro tradutor da Bíblia em francês, Lefèvre d'Étaples. Êste pregava a volta ao texto evangélico autêntico e, para tornar a Bíblia acessível a todos, traduziu-a em francês. E' o movimento chamado “evangelismo” em consequência do qual Lefèvre d'Étaples teve que se colocar sob a proteção de Margarida de Navarra, a irmã do rei. Não entraremos em detalhes sôbre a Reforma, mas gostaríamos simplesmente de lembrar que o primeiro grande conflito da consciência religiosa moderna partiu de espíritos que buscavam a verdade filológica.

Acabamos de citar o nome de Margarida de Navarra, autora do *Heptaméron* e protetora de inúmeros artistas e escritores e sentimos muito não ter tempo para nos alongarmos sôbre a personalidade e as atividades dessa mulher excepcional. Passamos logo a seu irmão

Francisco I, sem o qual possivelmente todo êste entusiasmo, todos êstes impulsos generosos não teriam chegado a produzir o resultado que todos conhecemos. Francisco I é um dêsses soberanos esclarecidos que felizmente as artes e as letras encontram às vêzes. Foi o caso de Péricles na Grécia, de Augusto em Roma, de Luís XIV na França do século XVII.

Apesar de inconstante e de instrução pouco cuidada, Francisco I se interessa desde o início em incentivar os sábios, escuta os seus conselhos, e toma uma série de iniciativas felizes. — manda imprimir os textos, incentiva os tradutores tais como Amyot, abre a biblioteca do rei em Fontainebleau, manda comprar manuscritos na Itália. E' êle que, pela primeira vez, exige que seja entregue obrigatoriamente o famoso *dépôt légal*, ainda hoje vigente, e há pouco adotado no Brasil, de um exemplar de todo livro recém-publicado na França. Já mencionamos a criação do Colégio Real, futuro *Collège de France*, para se contrapor à tradicional Sorbonne. Francisco I merece ser chamado o "Pai das Letras".

Não insistiremos tampouco sôbre a importância da Itália, assunto já tratado na última conferência (*). Essa importância é capital. As guerras com a Itália facilitaram contatos que já existiam anteriormente, mas em menor escala. Depois de Carlos VII e Luís XII, Francisco I vai lutar na Itália para fazer valer seus direitos sôbre Nápoles e Milão. Aproveita a oportunidade para atrair para a França sábios, arquitetos, músicos, pintores e decoradores, dos quais Leonardo da Vinci é o exemplo mais típico. Em todos os setores, artísticos e técnicos, a influência italiana mostrou-se muito poderosa. Os senhores conhecem a impressionante série dos castelos do Loire que mereceriam horas de projeção.

Há também o bordado, a fabricação de armas, de mobílias, a ourivesaria, a esgrima, a equitação, a navegação, a arte militar, e parece que só a arte culinária escapou a essa influência! Basta examinarmos o vocabulário francês da época para verificar até que ponto êle se enriqueceu com palavras italianas. Há mais de duzentas, das quais muitas se conservam até nossos dias. Não falamos ainda da situação da língua francesa nesta época, mas é preciso não esquecer que ela se firmou com o trabalho dos humanistas, dos tradutores e sobretudo com a influência de Francisco I. E' com o famoso ato de Villers-Cotteret, em 15 de agosto de 1539, que Francisco I estabeleceu o uso obrigatório do francês em todos os atos e documentos judiciais que, até então, eram escritos em latim.

E' de fato interessante observar que o humanismo contribuiu para firmar a posição do francês. O professor von Wartburg nos dá

(*) . — Conferência pronunciada no dia 25 de abril de 1969 pelo Prof. Alfredo Bosi sôbre "O Renascimento na Itália" (Nota da Redação).

uma boa explicação no seu livro *Evolução e estrutura da Língua Francesa*:

“Seríamos talvez tentados a supor que esta restauração do latim, seu prestígio crescente tenham sido prejudiciais ao francês. Isto absolutamente não ocorreu. Este renascimento dos estudos latinos propiciará o desenvolvimento do francês. E eis a razão: o humanismo recorre à individualidade do homem. Em nome deste individualismo a língua francesa retoma os seus direitos. Esta tendência geral da época devia ser favorável à emancipação da língua nacional. A essa razão de ordem geral, é preciso acrescentar um outro fato: o latim do século XV tinha sido mantido no uso diário, adaptando-se a todas as necessidades. Todas as idéias novas, as noções, inclusive os objetos, que a Antigüidade não havia conhecido, precisavam de denominações. O latim do século XV estava, assim, cheio de palavras modernas revestidas de uma terminação latina. Ao restabelecer o latim clássico em toda a sua pureza, tornaram-no incapaz de se manter como instrumento do pensamento da época. Por estas duas razões, pois, o humanismo contribui para firmar a posição da língua francesa” (pág. 144).

Recomendamos-lhes a leitura deste trecho, aliás do livro inteiro, hoje um clássico sobre a língua francesa.

Em seguida, o professor von Wartburg examina a posição do francês na jurisprudência (é o decreto de Villers Cotteret), na Igreja (já lhes falamos da tradução da Bíblia por Lefèvre d'Étaples. Calvino traduzirá, logo em seguida, sua *Instituição da Religião Cristã*, na medicina (já fizemos referência ao cirurgião Ambroise Paré) e, finalmente, na literatura (é de 1549 que data o manifesto de Du Bellay “Defesa e ilustração da língua francesa”).

Após este rápido exame de alguns traços característicos desta época e do papel relevante de Francisco I, gostaríamos de tecer algumas considerações a respeito de um autor desse século, grande figura da literatura francesa e que pode ser considerado um símbolo perfeito de sua época. Já tivemos a oportunidade de citar seu nome: trata-se de François Rabelais. Sua personalidade e obra são de tal riqueza que nelas podemos encontrar todas as conquistas científicas e literárias, assim como todas as manifestações do espírito de seu tempo. É assim que Lucien Febvre o toma como centro de seu livro: *O problema da incredulidade no século XVI — a religião de Rabelais*. Este estudo reage contra a tese de Abel Lefranc que fazia de Rabelais o primeiro dos ateus, dos livre-pensadores do seu século. Aconselhamos aos senhores a leitura desta obra, dedicada pelo mesrte a seu discípulo, o professor Braudel, livro muito valioso por seu método e suas conclusões.

Seriam necessárias horas inteiras para se comentar rapidamente o essencial da obra de Rabelais. Ele é, como já dissemos, um dos pio-

neiros da volta à Antigüidade greco-romana e repete, sem cessar, esta verdade da época: as artes, as letras serão capazes de progresso, com a condição de deixar de lado a disciplina medieval (“gótica”, como êle diz), para estudar diretamente os textos antigos.

E êle aplica êste método à medicina, ao direito, às belas artes.

Era natural que êstes reformadores, que foram os humanistas, se tenham preocupado com o problema educacional a fim de transmitir às novas gerações suas idéias e gostos. E’ neste programa de educação expresso em Pantagrue e Gargantua que Rabelais se mostra extremamente original e particularmente moderno. Êle zomba primeiro dos métodos de educação da Idade Média onde se vê um aluno entulhado de conhecimentos puramente livrescos e de memorização mecânica, sem nenhuma participação da inteligência; o aluno fica completamente isolado e desligado do mundo que o cerca.

Podemos dar-lhes alguns exemplos: Gargantua aprende o seu alfabeto em cinco anos e três meses; depois, vocabulários e gramáticas inteiras em 13 anos, 6 meses e 2 semanas; depois, uma outra gramática e, finalmente, tôda uma série de livros de retórica e

“soube tão bem que, na prova, êle respondia de cor e de trás para frente”

e, finalmente, tôda uma série de livros de retórica e

“alguns outros da mesma espécie”.

O resultado é que o aluno ia-se tornando maluco, apalermado, sonhador e completamente estúpido.

Além disso, havia um completo desprezo pela higiene, uma gula descomedida, uma devoção totalmente mecânica.

E’ o famoso método dos *preceptores sofistas*.

Após a crítica desta educação, Rabelais nos expõe o seu ideal que é de sentido diametralmente oposto ao programa precedente. Primeiro, êle purga seu aluno com um remédio especial que lhe faz esquecer tôda esta antiga educação. E’ um tipo de lavagem de cérebro. Depois, submete-o a um regime realmente enciclopédico, mas exercendo um contrôle permanente sôbre a inteligência e a observação. Os textos lhe são explicados. Tôdas as horas do dia são utilizadas: quando não se trata do estudo e da leitura, é feita a verificação dos conhecimentos adquiridos, o confrônto dêstes com a realidade; à noite, observa-se a educação de Gargantua. Rabelais era médico, não esqueçamos, e vai dar uma grande importância ao corpo e aos exercícios físicos para fortalecê-lo e dar-lhe flexibilidade. Seu aluno joga bola, mergulha e nada, sobe em árvores, pratica halterofilismo, arremessa pesos. Após êsses exercícios, lava-se e fazem-lhe massagens. O alu-

no deve ser também instruído na arte da cavalaria e no manêjo de armas que êle aprende com um professor especializado.

E' sobretudo a admirável carta de Gargantua a seu filho Pantagruel, que pode ser considerada o manifesto das idéias de Rabelais sobre a educação. O final insiste num ponto, talvez um pouco negligenciado na educação de Gargantua, isto é, a necessidade de uma formação moral baseada na fé religiosa. E' a famosa "*ciência sem consciência não é senão ruína da alma*". Eis o fim da carta de Gargantua à Pantagruel:

.....
"Mas uma vez que, segundo o sábio Salomão, sabedoria não entra em alma maldosa, e *ciência sem consciência não é senão ruína da alma*, é conveniente que você sirva, ame e tema a Deus e ponha nele todos os seus pensamentos e tôda a sua esperança e que, pela fé formada de caridade, você esteja junto dêle de modo que nunca seja separado pelo pecado. Tenha como suspeitos os abusos do mundo. Não se deixe levar pela vaidade, pois esta vida é transitória, mas a palavra de Deus permanece eternamente. Seja prestativo para com seus semelhantes e ame-os como a você mesmo. Reverencie seus preceptores, fuja da companhia das pessoas com as quais você não gostaria de se parecer e, não receba levemente as graças que Deus lhe deu. E quando você achar que possui todos os conhecimentos adquiridos em Paris, volte para junto de mim a fim de que eu o veja e lhe dê minha bênção antes de morrer.

"Meu filho, que a paz e a graça de Nosso Senhor esteja com você, amen. Utopia, 17 de março.

Seu pai, Gargantua.

(*Pantagruel II*, cap. VIII).

Mas êsse programa educacional se destina apenas à juventude. Qual será, então, o ideal de vida que se proporá depois aos adultos? Êste ideal se exprime sobretudo no mito da abadia de Thélème.

E' para o Irmão Jean que Gargantua construiu esta abadia de Thélème (em grego = livre vontade), "ao contrário de tôdas as outras", às margens do Loire. Não há muro exterior, nem relógio como nos conventos antigos. A construção é uma das jóias mais puras do Renascimento francês. E Rabelais descreve minuciosamente esta construção "em figura hexagonal", com uma tôrre em cada canto, com seis andares; uma harmoniosa mistura de arquitetura franco-italiana.

"O referido edifício era cem vêzes mais magnífico que os de Bonivet, Chambord ou Chantilly, pois tinha 9.332 apartamentos, todos êles guarnecidos de toucador, escritório, rouparia, capela e saída para um salão. Em cada tôrre, no meio dêsse corpo de habitações, havia uma escada em caracol, cujos degraus eram de pórfiro, de mármore da Númídia e de mármore serpentino, medindo cerca de

sete metros de comprimento, com uma espessura de três dedos e entre cada patamar havia doze. Em cada patamar, havia dois belos arcos à moda antiga, por onde penetrava a claridade e por êles penetrava-se num gabinete com clarabóia, da largura da escada, o qual subia até ao teto, onde terminava num pavilhão, levando, de cada lado, a uma sala grande e, das salas, passava-se para os apartamentos.

Desde a tôrre Ártica até Criere, ficavam as grandes bibliotecas de grego, latim, hebraico, francês, toscano e espanhol, repartidas em diversos pavimentos conforme as linguas.

No meio, havia uma escada maravilhosa cuja entrada dava para fora da habitação, feita de um arco de seis toesas. Era construída de tal maneira que seis homens d'armas, lança em riste, podiam subir de frente e todos juntos até ao alto da construção.

Depois da tôrre Anatole até à tôrre Mesembrina, havia grandes e belas galerias, tôdas decoradas com quadros, representando façanhas antigas, histórias e descrições da Terra. No meio havia uma escada e uma porta semelhantes às que ficavam do lado do rio e que mais acima foram descritas". (*Gargantua*, cap. LIII).

Só senhores e damas da nobreza poderiam viver em semelhante cenário. A vida é uma perpétua festa. Em seguida, vem uma descrição dos costumes da época, numa riqueza e variedade extraordinárias.

"À saída da habitação das mulheres, estavam os perfumistas e penteadores. Êles abasteciam tôdas as manhãs os quartos das mulheres com água de rosas, água de nafta, água de flôres de laranja e davam a cada uma preciosa caçoila, que exalava o perfume de tôdas as drogas aromáticas.

As damas, a principio, vestiam-se como queriam. Depois, espontâneamente, reformaram as suas toaletes, da seguinte maneira:

Usavam meias escarlates ou de côr grená, chegando três dedos acima do joelho, com ourela debruada e ornada de algum belo desenho. As ligas eram da côr dos braceletes e apertavam o joelho, por cima e por baixo. Os sapatos, escarpins e chinelos, de veludo carmezim, vermelho ou roxo, eram recortados em barba de lagosta.

No verão, alguns dias, em lugar de vestidos, usavam marlotas ou belos manteletes à mourisca, de veludo violeta, com fios de ouro ou canotilhos de prata ou cordões de ouro, guarnecidos nas pontas com pequenas pérolas indianas. E sempre o belo vasquim, da mesma côr que as mangas, bem guarnecido de lentejoulas de ouro.

No inverno, vestidos de tafetá das mesmas côres, forrados de peles de lobo, doninhas pretas, ou martas da Calábria, zibelinas e outras peles preciosas.

Os rosários, os anéis, pulseiras e colares eram de pedraria fina, como carbúnculos, rubis, diamantes, safiras, esmeraldas, turquesas, granadas, ágatas, berilos, pérolas e jóias das mais belas.

O penteado variava conforme o tempo: no inverno, à moda francesa; na primavera à espanhola; no verão à turca, exceto nos

dias de festas e domingos, em que usavam sempre o penteado à moda francesa, por ser mais digno e fazer realçar melhor a pudicícia das mulheres.

Os homens vestiam a seu modo. A sua roupa era tão preciosa quanto a das mulheres: os cintos de sêda eram da mesma côr do gibão. Cada um trazia uma bela espada ao lado, de punho dourado e bainha de veludo da côr das meias, com botões de ouro e joalheria. Da mesma forma, era o punhal. O gôrro era de veludo prêto, guarnecido de diversos anéis e botões de ouro; a pena branca que o encimava, lindamente recortada sôbre palhetas de ouro, de cujas extremidades pendiam belos rubis, esmeraldas etc. . .

Mas existia tal simpatia entre homens e mulheres que se vestiam, uns e outros, cada dia, usando enfeites semelhantes e, para não haver discordância, certos fidalgos tinham ordem de dizer aos homens, tôdas as manhãs, qual a toailete que as senhoras iriam usar naquele dia, pois tudo se fazia para dar prazer às damas.

Não julguem que perdessem tempo, êles ou elas, a pensar nesse vestuário tão apropriado e tão rico, pois os encarregados do guarda-roupa tinham tôda a indumentária pronta, logo de manhã, e as criadas de quarto sabiam tão perfeitamente seu officio, que, num instante, as mulheres estavam vestidas dos pés à cabeça.

E para que êsses vestuários estivessem prontos, em tempo oportuno, ao redor do bosque havia um grande corpo de edificios, do comprimento de meia légua, muito claros e bem instalados, em que residiam os joalheiros, os lapidários, os bordadores, os alfaiates, os aurífices, os que trabalhavam em veludo, os tapeceiros e os fiandeiros, cada qual trabalhando em seu officio. O sr. Nausicleto fornecia-lhes a matéria-prima, enviando-lhes anualmente sete navios das ilhas Perlas e Canibais carregados com barras de ouro, sêda crua, pérolas e pedras preciosas. Quando algumas jóias iam ficando velhas e perdiam sua côr primitiva, êles restituíam-lhas, dando-as de comer a algum bonito galo, da mesma maneira que se purgam os falcões". (*Gargantua*, cap. LV e LVI).

Na grande porta de Thélème estava afixada a proibição de entrada para os hipócritas, os carolas, o pessoal da justiça e os usurários. Sômente podiam entrar os "nobres cavalheiros", as "damas de alta linhagem", "flôres de beleza, de rosto celestial e atitudes reservadas", e os "cristãos evangélicos".

"Entraí, que se funde aqui a fé profunda e que por vossos exemplos sejam desmascarados os inimigos da palavra santa".

Rabelais acha que é possível reconciliar o Cristianismo, revisto à luz de seus textos originaes, com o desenvolvimento total da natureza humana, essencial aspiração do Renascimento. Rabelais crê que nossa natureza tende para a virtude, pelo menos a natureza de pessoas livres, bem-nascidas e de bom temperamento. E estas são as idéias que Rousseau vai retomar mais tarde. A cláusula "Faça aquilo que te apetece" é um princípio para uma elite social e intelectual.

Estas preocupações com a educação e a formação moral que acabamos de examinar em Rabelais e que reencontramos da mesma forma num outro grande escritor da época, isto é, em Montaigne, parecem-nos eminentemente modernas.

Não é de hoje, aliás, que se estabelece uma aproximação entre a época moderna e o século XVI. Mas o que é curioso é que quanto mais nossa época se desenvolve e se afirma mais parece impor-se a nosso espírito êsse paralelismo com o século XVI. Já em 1930, o professor Henri Hauser — que lecionou por algum tempo no Brasil — publicou o texto de três conferências intituladas “A modernidade do século XVI”. Estas três conferências foram reeditadas pelo professor Braudel no *Cahiers des Annales*, nº 21, em 1963, com uma magnífica introdução. Desde o início, o professor Hauser relembra que esta idéia da modernidade do século XVI já havia sido tratada por Jules Michelet, que em sua *Introdução ao Renascimento* atribuía ao século XVI as duas grandes descobertas que são o descobrimento do mundo e o do homem.

“Não lembrarei as famosas páginas, continúa Hauser, que há mais de oitenta anos iluminaram a história. Elas entraram tão bem em nossa consciência intelectual que se tornaram banais e os jovens de nossa época, quando as lêem, não sentem mais a impressão de novidade e têm dificuldade em compreender o tipo de arrebatamento das gerações precedentes. Sistematizado por Taine, o afresco pintado por Michelet se traduziu em fórmulas. Estas fórmulas adquiriram direito de cidadania no ensino; a modernidade do século XVI tornou-se até matéria de exame”!

“Com Michelet e Taine, ela teve como principal protagonista, o grande historiador Burckhardt, que aliás faz referência a Michelet. Burckhardt mostrou como o Renascimento italiano, precedendo os outros “Renascimentos”, começou a descoberta da natureza em duas ou três direções ao mesmo tempo: descoberta da terra, que se alarga súbitamente na esteira dos grandes navegadores, descoberta da natureza física, e finalmente, conhecimento do homem”.

Voltando ao problema da educação, não é curioso verificar hoje esta preocupação em integrar a criança e o adolescente em seu meio, em não desligá-los do mundo, em orientar sua atenção para as coisas, para a experiência, em lhes dar ao mesmo tempo uma formação prática e intelectual? Esta preocupação parece ser comum às duas grandes ideologias que reivindicam hoje para si o planeta. Na França verificam-se tentativas de libertação de um ensino que tendia a tornar-se senão escolástico, pelo menos excessivamente formalista; há pouco ainda, num semanário, Jean-Paul Sartre denunciava, com eloquência, mas com um pouco de exagero e sem propor nada de muito preciso para substituí-lo, êste “discurso sôbre o discurso” que constitui a maior parte do nosso ensino. E’ a mesma censura que faziam os hu-

manistas da educação medieval, que só propunha comentários. Nunca se falou tanto de coordenação de disciplinas, de pluricurricular, de alguns tempos para cá, tanto no Brasil como em outros lugares. Mas será que não era já uma das preocupações e uma das paixões dominantes do Renascimento e de Rabelais? No seu programa educacional, como vimos, Rabelais dá um lugar preponderante ao estudo da natureza e ao estudo das técnicas, tais como elas existiam, é claro, isto é, ainda mais próximas do artesanato do que das técnicas, como hoje conhecemos. E a descoberta dos meios áudio-visuais, a televisão, o cinema que vêm revolucionar a pedagogia e a comunicação entre os homens não produz um choque que nos pode levar à compreensão do que foi a invenção da imprensa no século XVI?

E este grande movimento que abala hoje uma boa parte da Igreja no mundo? Será que não é propiciado por esta grande explosão de sentido crítico e esta crise das consciências que todos conhecemos? Não será uma volta a uma compreensão mais exata, a uma aplicação mais direta do Evangelho que pedem numerosos padres e religiosos, que não hesitam em discutir a autoridade do Papa e dos bispos, como se havia feito no século XVI? Por outro lado, da mesma maneira que o francês tinha sido utilizado para traduzir e para proporcionar uma melhor compreensão da Bíblia e dos Evangelhos, a Igreja propõe hoje a substituição do latim dos serviços religiosos pelas línguas nacionais.

E no momento em que o homem se aproxima de mundos novos, até então desconhecidos, como o tinham feito os exploradores do século XVI, não seria precursora esta interrogação de Montaigne:

“Nosso mundo acaba de encontrar um outro; e quem nos responde que é o último?” (*Montaigne III, 6*).

O homem está pisando a lua e os planetas e vê abrir diante de si angustiantes problemas.

Não esqueçamos também as recentes aventuras da cirurgia, os transplantes do coração, que não deixam de lembrar os feitos de Ambroise Paré e dos cirurgiões do século XVI, e a terrível descendente da bomba do século XVI, a bomba atômica.

Da mesma forma, não devemos ficar admirados quando um ator como Jean-Louis Barrault escolhe para encenar e interpretar em 1968-1969, em Paris, com um estrondoso sucesso, um espetáculo com Rabelais. Rabelais não é dramaturgo, nós sabemos, mas Barrault soube criar do texto uma interpretação dramática de um movimento e de uma viveza sem igual, com o acompanhamento de uma música de Michel Polnareff, um dos jovens reis da canção francesa. Esta faceta *hippie* do texto exuberante de Rabelais contribuiu certamente para o sucesso da peça e podemos ler para os senhores um trecho do comentário do crítico teatral do jornal *Le Monde*:

“Onde encontrar melhor caução, bem apropriada para a nossa época do que em Rabelais? Já se disse muito, a propósito de Shakespeare, que os tempos que ora vivemos lembram o Renascimento como nenhum outro. As mesmas revoluções na ciência, as mesmas contestações de valores diante de instituições esclerosadas e asfixiadas, a mesma vertigem à cratera do mesmo vulcão. Apoiando-se na história do século XVI, tal como a mostra Michelet, Barrault perde a conta das correspondências entre uma época e a outra: o áudio-visual correspondendo à imprensa, a astronáutica à navegação, os transplantes à vivisseção e, quanto à Sorbonne, a Roma e ao comércio, pode-se pensar em muitas outras correspondências”.

Mas antes de terminar, poderíamos nos perguntar se nossa época como o século XVI, soube proporcionar ao homem os progressos morais correspondentes aos progressos materiais e é evidente que temos o direito de nos preocupar com a distância que parece aumentar cada vez mais entre o nível dos sábios e o dos homens encarregados de guiar os povos, queremos dizer, os políticos. Não esqueçamos, para terminar, a famosa advertência de Rabelais — “Ciência sem consciência não é senão ruína da alma” a que fazem eco diàriamente os apelos angustiados de nossos contemporâneos.

Por exemplo, na *Fôlha de São Paulo* do dia 18 de maio de 1969, as indagações de um jurista paulista, internacionalmente conhecido:

“Uma das perguntas mais angustiantes, dentre as muitas que fustigam o homem moderno, consiste em verificar se, apesar das conquistas prodigiosas da ciência e da técnica, e a despeito da altitude atingida no campo das artes e da poesia, houve correspondente aperfeiçoamento moral. Do ponto de vista das virtudes éticas, tanto no que se refere aos valores pessoais, como no concernente ao respeito devido à pessoa do próximo, pode-se falar, com tranqüilidade, em melhoria da espécie humana, ou, ao contrário, a mão que manejava o primitivo machado de silex obedece aos mesmos bárbaros impulsos de quem projeta uma bomba atômica?”

E terminamos deixando à reflexão dos senhores estas palavras, que resumem um dos maiores dilemas que o homem contemporâneo, tal como o homem do Renascimento, deve enfrentar.

* * *

Citações: —

- 1). — Henri Hauser, *La modernité du XVIème siècle*, Librairie Armand Colin, Paris, 1963.
- 2). — Lucien Febvre, *Le problème de l'incroyance au XVIème siècle. La religion de Rabelais*. Albin Michel, Paris, 1969.

- 3). — Verdun-Saulnier, *La littérature de la Renaissance*, "Collection Que Sais-je?". Presses Universitaires de France. Paris.
- 4). — W. V. Wartburg, *Evolution et structure de la langue française*. Editions A. Francke, Berna.
- 5). — François Rabelais, *O gigante Gargântua*, tradução de José Maria Machado, Clube do Livro, São Paulo, 1961.